

13/junho/68JORNAL DO BRASIL

Em editorial ("Ação Illegal"), diz o JB que a opinião-pública se impacienta, diante da frequência com que a ordem vem sendo perturbada, por recalcitrante minoria subversiva, infiltrada nas universidades. Acentua o JB que é necessário distinguir reivindicação de agitação. E adverte que agora, quando as instituições são ameaçadas pela aventura inconsequente de livres-atiradores, é necessária a identificação entre tôdas as classes do país, "inclusive a que governa", para que possa ser cultivada, mesmo a duras penas, "a indefesa democracia brasileira."

Na pág.7, publica o JB declaração de "alto técnico do MEC", sustentando que o decreto presidencial, revogando a prorrogação das aulas para completar o período letivo, não poderá ser aplicado este ano, por ferir direito assegurado. Universitários afirmam que decreto não impedirá movimentos reivindicatórios, devido "ao grau de conscientização" dos estudantes de nível superior.

Na mesma página, informa o JB que DCE da UFRJ e da ex-UME deram instruções a Diretórios das Faculdades no sentido de que estudantes voltem às aulas e façam debates nas escolas. Porém, alunos de Economia vão sugerir amanhã, às 10 horas, em assembléia-geral, prosseguimento das manifestações de rua. Segundo a análise da ex-UME, movimento pelas verbas foi vitorioso. No segundo semestre, tema será a luta contra o advento das fundações.

Dom José de Castro Pinto afirma que embora com maior dificuldade, diálogo entre govêrno e estudantes poderá ocorrer, pois maioria deseja apresentar pacificamente suas reivindicações. Diz êle que violências e exagêros foram cometidos por elementos estranhos à classe, para tumultuar.

Em Brasília, padre Nobre, do MDB mineiro, afirmou, em discurso, que problema estudantil é fenômeno mundial, mas no Brasil, situação <sup>decorre</sup> ~~decorre~~ de três fatores principais: vitaliciedade da cátedra, IPMs e falta de verbas para universidades.

Em São Paulo, informa ainda o JB, mais de mil estudantes invadiram ontem prédio da reitoria da USP e obrigaram reitor Guimarães Ferri a:::



...responder perguntas sobre a reforma da Universidade. O prédio foi todo pixado com dizeres contra acordos MEC-USAID, ensino pago e política educacional do governo.

Estudantes tinham ido à Cidade Universitária para protestar contra presença do sr. Atcon num simpósio de professores. Depois de assembleia na própria reitoria, estudantes decidiram que o sr. Atcon "não poria os pés na USP". Decisão foi anunciada por vice-presidente da ex-UNE, Luiz Rauk. Amanhã, em nova assembleia (no conjunto residencial), estudantes vão decidir se mobilizam todos os universitários do Estado, para exigir a participação de todos os estudantes de cursos superiores, na Comissão de Reformulação da Universidade.

No Rio, assinala o JB, alunos do Curso de Psicologia da Faculdade de Filosofia da UEG entraram em greve, porque reitoria nega o funcionamento da 5ª série do referido curso. Protestam contra "intransigência do reitor João Lira Filho", que se nega a cumprir decisão do Conselho Universitário, fazendo com que alunos saiam da Faculdade com habilitação apenas para lecionar Psicologia, e não para serem Psicólogos.

Alegação do reitor é falta de mercado de trabalho. Prefere ele dar ênfase aos chamados cursos técnicos, como Matemática, Física, Engenharia, Medicina e Química.

Na pág.10, o Informe JB registra a liberação das verbas do 4º trimestre do ano passado, o início do exame do déficit orçamentário da Educação este ano, e o ritmo acelerado imprimido à negociação com o BID, visando a obter um empréstimo de 45 milhões de dólares. E afirma: "Tímido e hesitante, como é de sua essência, o governo dá os primeiros passos no sentido de enfrentar as questões do ensino." E assinala que o quadro poderá melhorar ainda este ano, desde que o governo não fique no âmbito das providências burocráticas e passe a medidas de envergadura.

Na pág.17, informa o JB que reitor da UFF, Manoel Barreto Neto, defendeu ontem, na instalação de um seminário, a necessidade da reformulação de base nas Universidades, com vista à adaptação dos exames vestibulares.



Na pág. 18, registra o JB que centenas de universitários gaúchos vão tomar parte no Projeto Rio Grande do Sul I, elaborado nos moldes do projeto Rondon. Entre 10 e 25 de julho, percorrerão várias comunidades do Estado, levando auxílio às populações.

#### CORREIO DA MANHÃ

Na pág. 2, "Mundo Político" transcreve declarações do governador Perachi Barcelos, ao chegar ao Rio, afirmou êle, entre outros pontos, que a agitação estudantil, somada a de setores do clero, poderá desencadear neste país uma nova crise político-militar, de consequências imprevisíveis.

Sugere êle que estudante, para fazer política, escolha um partido político, e lembra que reivindicações dos estudantes estão sendo solucionadas a contento.

Na pág. 3, diz o CM que coronéis da linha dura, reunidos na Guanabara, defenderam ontem a prioridade absoluta para o equacionamento e solução do problema estudantil. Reconhecem que "há muita coisa justa nas reivindicações", exigindo atenção séria do governo e exame frio e atento, sem preconceitos. Sustentam ainda que essa posição representa a da esmagadora maioria do Exército, e consideram importante que o MEC entre finalmente em contato com as lideranças estudantis, para saber o que concretamente desejam os estudantes.

Informa ainda o CM que mais de três mil estudantes, em São Paulo, se reuniram na USP, "para repudiar o professor norte-americano Atcon", idealizador do acôrdo MEC-USAID. Ele desistiu de comparecer ao simpósio, Prossegue o CM, noticiando o encontro entre universitários e o professor Ferri.

Segundo o CM, em outra matéria, estudantes e professores condenam, a uma voz, o decreto presidencial, exigindo a presença obrigatória dos universitários nos trabalhos escolares, sob pena de reprovação.

Matéria procedente de Brasília diz que para o presidente Costa e Silva, o bom-senso predominou entre os estudantes, e fracassou a tentativa de agitação no meio estudantil, prevista para êstes dias. Para o presidente, "é um bom sinal, que mostra que podemos marchar efetivamente para o restabelecimento do diálogo."



(4)

Na sessão de ontem do Senado, diz o CM, o sr. Mário Martins, do MDB, voltou a abordar o problema estudantil, sublinhando que estudantes tentam dialogar, notadamente com o ministro da Educação, e recebem apenas "prontidão militar, pancadaria e recusas sucessivas". Alinhou o senador os quatro pontos fundamentais, pleiteados pelos jovens: 1) Não permitir transformação das universidades em fundações; 2) Não permitir desvio de verbas; 3) Aumento de salários dos mestres e pagamento em dia; 4) Abolição total dos acordos MEC-USAID.

Em editorial ("Reprovado"), comenta o CM as declarações do presidente a um deputado (Amaral Neto), frisando que não permitirá repetição no Brasil dos acontecimentos estudantis que paralisaram a França. Ao mesmo tempo ~~tempo~~ tempo, sublinha o CM, divulgava-se decreto presidencial, sobre duração do ano letivo.

Condena o jornal que Costa e Silva tenha associado "a exibição de força militar à violência legal". E sustenta que o decreto não cabe no ano letivo de 68.

Na mesma pág, em artigo intitulado "Nada", Hermano Alves comenta a afirmativa do presidente - "Eu não sou De Gaulle" - alinhando o problema estudantil e uma série de outros, para concluir que "imitam-se as frases de De Gaulle, mas repetem-se os conceitos do general Trujillo."

### DIÁRIO DE NOTÍCIAS

Em sua coluna, Heron Domingues comenta as reações do presidente Costa e Silva ao movimento estudantil no Rio, e afirma que o atual governo não é um governo de força, "mas um governo com força." E sublinha que ~~qual~~ qualquer tentativa de subversão será debelada.

Na pág. 13, anuncia o DN que amanhã, em nova assembleia, DCE da UFRJ determinará as novas formas de continuação do movimento de rua, e frisa que o decreto presidencial, sobre reprovação dos alunos faltosos, está provocando discussões, por ferir autonomia universitária. Sua aplicação, este ano, frisam, só traria problemas.

Assinala o DN a crença de dom Castro Pinto, na possibilidade do prosseguimento do diálogo, e registra também a nota de "alta personalidade do MEC", considerando que o decreto presidencial só deverá ser aplicado no ano vindouro.



ÚLTIMA HORA

Na pag, 2, em editorial, comenta a advertência do presidente Costa e Silva, segundo a qual os acontecimentos da França não se repetirão, no Brasil. Diz a UH que o presidente comete um equívoco, pelo qual deve ser responsabilizada sua assessoria. De Gaulle também não queria o "chienlit", mas um movimento que arrasta milhões de pessoas, não só estudantes ou operários, ocorre à revelia dos governantes. Cabe aos governos, sustenta UH, ter sensibilidade bastante para captar os sinais anunciadores do fenômeno e procurar, então, neutralizá-lo.

Na pág. 5, publica UH matéria de Brasília, informando que o presidente Costa e Silva considera que o bom-senso predominou na passeata realizada pelos estudantes, no Rio, o que é um sinal para que o governo possa marchar rumo ao diálogo, com a classe estudantil.

Segundo levantamento do Secretário de Segurança da GB, 60 por cento dos integrantes da passeata eram agitadores, 30 por cento, estudantes e 10 por cento, curiosos. Após conferenciar com o governador, general França Oliveira anunciou que só permitirá pronunciamentos estudantis na Praça Rio Branco, e acentuou que o Rio não se transformará "em nova Paris."

Quanto aos estudantes, diz UH que lideranças da UME, UNE e FUEC consideraram a passeata vitoriosa. Presidente do Diretório da Escola de Química, Jean Marc Von ~~Der~~ Weid, encaminhará ao Diretório Central proposta para que se realizem novas manifestações, na próxima semana, além de assembléia-geral, dos alunos da UFRJ, para a qual seria convidado o ministro Tarso Dutra.

O JORNAL

Em manchete, anuncia que "Diálogo conquista apóio de militares". A abertura do diálogo entre o governo e os líderes estudantis, informa, ganhou agora o apóio dos militares, que encaram a medida como de absoluta prioridade e de importância vital, para pôr fim ao atual clima de animosidade. Os defensores da idéia, todos identificados com a linha de ação do general Sizen Sarmento, propõem que o governo utilize os métodos ao alcance da administração federal, deixando claro que o Exército não permi-



(6)

permitirá qualquer movimento de agitação. A matéria que dá manchete é publicada na pág. 3, na coluna "Política Dia a Dia". Informa que oficiais superiores, identificados com a linha de ação dos generais Sizenno e Albuquerque Lima, admitem que o problema estudantil deve ter prioridade absoluta no encaminhamento a ser dado pelo govêrno aos principais problemas do país. E admitem, também, a legitimidade de muitas reivindicações feitas pelos estudantes.

"Nos encontros informais realizados para o exame do problema, os militares firmaram o consenso de que o govêrno deve empenhar-se, a fundo, para a abertura efetiva do diálogo com os universitários. O entendimento com os estudantes, na realidade, é uma tendência dominante no Exército, de onde partem sugestões no sentido de que o MEC deve entrar imediatamente em contato com as lideranças estudantis, para conhecer o que desejam os jovens e o que o govêrno pode atender.

Por experiência, sabem os militares que são fortes as resistências para o diálogo, mas acham que o govêrno deve esgotar todas as soluções democráticas para alcançar êsse objetivo. Recentemente, oficiais do IV Exército não tiveram êxito na tentativa de aproximação com os jovens universitários."

No âmbito político, prossegue o mesmo comentarista, o primeiro fato a observar é que os opositoristas inverteram o processo de entendimento com os estudantes, tirando proveito da experiência negativa da Frente-Ampla. Agora, ao invés de tentativas de conversação direta com a liderança estudantil, procuram os antigos frentistas, através de palestras nas faculdades, formar o germe de uma frente de luta pela conquista da normalidade democrática, na qual estejam presentes líderes religiosos e os trabalhadores.

Registra ainda os contatos do deputado Mata Machado com estudantes, em Florianópolis, extraíndo das conversações elementos novos para elaboração do manifesto em que pretende reunir grupo político convencional (parlamentares) e forças políticas não-convencionais, para ampliação da luta pela redemocratização. O pretexto do parlamentar foi coligir dados, para a CPI do ensino superior. Outros Estados serão visitados por opositoristas da mesma CPI, com igual objetivo.



Admitem os opositoristas, diz ainda "Política Dia a Dia" que essa linha de ação apresenta riscos - já calculados, porém: na medida em que o governo reprime as manifestações estudantis, poderão eles, os parlamentares em questão, ser enquadrados na Lei de Segurança, por convocarem estudantes ao combate político ao regime.

CPI sobre ensino superior, presidida pelo deputado Evaldo Pinto, já requereu à mesa da Câmara a requisição do relatório Meira Matos. Pretende ainda sugerir rumos para reformular a estrutura do ensino superior. Indicará, ainda, necessidade de melhor tratamento para a Educação, no orçamento da República.

Na pág. 6, informa O Jornal que líderes universitários consideram o movimento vitorioso, e vão reforçar reivindicações na próxima reunião do Conselho da AMES, a ser coordenada pela UNE, UME e Frente Unida do Calabouço. Ex-usuários do restaurante sentem que luta pela reabertura do mesmo está ficando em segundo plano, e partem para movimento mais radical, aplicando calotes nos principais restaurantes da cidade.

Opinião que circula entre a classe estudantil é que de agora em diante, devem ser exigidas soluções na praça pública, ao invés de diálogo. Aglutinação, dizem, é quase geral.

Anuncia ainda O Jornal a concessão de crédito adicional de 7 milhões de cruzeiros novos, para superar deficiências de diversas universidades. Medida é relembrada, devido à distribuição de comunicado dos reitores, revelando resultados alcançados na entrevista com os ministros da Fazenda, Educação e Planejamento. Os reitores trazem a público sua satisfação.

Em "O Jornal do Carioca", Tarso de Castro comenta as declarações, em Brasília, do governador Perachi Barcelos. Diz, em certo trecho: "O sr. Perachi faz restrições sérias ao sr. Tarso Dutra e preferiria, tranquilamente, enfrentar uma derrota - e preparar o caminho de volta, quatro anos mais tarde - a entregar a liderança ao atual ministro da Educação. O sr. Tarso Dutra está a par disso e sabe, também, do trabalho que se desenvolve contra ele, no setor federal."



Para o colunista, o governador gaúcho é favorável às eleições diretas porque o sr. Tarso Dutra, se o pleito fôsse indireto, teria condições de se eleger, pois desfruta, hoje, de bom prestígio na ARENA gaúcha. E arrebataria a liderança das mãos do atual governador, em pouco tempo.

#### JORNAL DO COMÉRCIO

Em editorial, comenta "as correrias dos estudantes", no Rio, menos sangrentas ~~mais~~ mas tão ruidosas quanto as de Paris. Admite o JC a presença dos estudantes nas ruas, mas cita, como ressalta, o lema kantiano de respeito aos direitos individuais. Para o filósofo de Königsberg e para qualquer pessoa de bom senso, diz o JC, "os campos de caça deverão ser bem cercados e ninguém poderá invadir, impunemente, o do vizinho."

Para o editorialista, o govêrno está disposto a abrir um diálogo sereno e objetivo, mas ao que parece, a abertura foi feita unilateralmente. "O próprio bispo auxiliar do Rio de Janeiro, que tanto tem trabalhado em prol da pacificação dos espíritos, não oculta seu desencanto, diante da atitude intransigente dos moços."

Na pág, 9, anuncia o Jornal do Comércio que o govêrno federal abriu crédito de 7 milhões novos para atender às despesas realizadas pelas universidades, em 67, baseando-se o jornal na nota distribuída pelos reitores, publicada na íntegra.

Transcreve ainda o JC a advertência do general França Oliveira, segundo o qual "o Rio não será transformado em Paris."

#### TRIBUNA

Na página 3 (com chamada na primeira), publica matéria idêntica, em todos os pontos, à publicada pelo O Jornal, quanto ao empenho dos militares, "identificados com o pensamento do comandante do I Exército" e do ministro Albuquerque Lima, na abertura do diálogo entre govêrno e estudantes. A matéria sobre a nova tática dos ex-frentistas, em relação ao movimento estudantil, também coincide com a de O Jornal.

~~O detalhe, na matéria da Tribuna, se refere ao majôgre~~



O GLOBO

Em sua coluna, Carlos Swann aplaude o decreto do presidente Costa e Silva, obrigando os estudantes ao mínimo de 180 dias de presença escolar, e afirma que já começaram, dentro do próprio MEC, "as resistências de chicanistas e memagogos." E aconselha o MEC a não tentar fazer média com o mau estudante, "procurando mostrar que a história não é bem assim, e procurar com artifícios justificar a formação dos universitários fora das universidades."

Na pág. 11, informa O Globo que estudantes da UFRJ voltaram às aulas, considerando o movimento vitorioso. Transcreve ainda a declaração do general França Oliveira, segundo o qual "o Rio não será Paris."

Em ampla matéria, afirma o prof. Alberto Meireles, presidente da Fundação Escola de Medicina e Cirurgia, que a transformação da universidade em fundação não implica, necessariamente, na cobrança de anuidades elevadas, e acentua que o sistema é combatido, por falta de conhecimento ou má-fé.

Ω=Ω= Ω=Ω=